

Causa e condição: uma interpretação morfosintática e discursiva

(Cause and condition: a morphosyntactic-discursive interpretation)

Ana Paula Cavaguti¹, Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale²

^{1,2}Universidade Federal de São Carlos, Campus de São Carlos (UFSCar)

anapcavaguti@hotmail.com, flaviavale@ufscar.br

Abstract: This paper proposes the synchronic study of adverbial clauses initiated by the conjunctions *dado que*, *desde que* and *uma vez que* in written Brazilian Portuguese. Considering that these conjunctions may express causality and conditionality, the distinction between the interpretation of causal and conditional clauses is not only a result of syntactic features but also of semantic and pragmatic ones. The analysis is based on functionalist assumptions, such as those of Hengeveld (1998), Hengeveld and Mackenzie (2008), Sweetser (1990), among others.

Keywords: Conjunction; causal clauses; conditional clauses; functional grammar.

Resumo: Neste trabalho, propõe-se o estudo sincrônico das orações adverbiais iniciadas pelas locuções conjuntivas “*dado que*”, “*desde que*” e “*uma vez que*” no português escrito do Brasil. Considerando que essas locuções conjuntivas podem expressar as relações de causalidade e de condicionalidade, a distinção entre uma interpretação e outra não é resultado apenas de fatores sintáticos, mas também de fatores de natureza semântica e pragmática. A análise se baseia em pressupostos teóricos funcionalistas como os de Hengeveld (1989), Hengeveld e Mackenzie (2008), Sweetser (1990), entre outros.

Palavras-chave: Locuções conjuntivas; orações causais; orações condicionais; funcionalismo.

Introdução

Nas gramáticas do português brasileiro (ALMEIDA, 1963; LIMA, 1999; SACCONI, 2004; CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2009), o estudo das orações subordinadas adverbiais causais e condicionais se baseia, fundamentalmente, em fatores sintáticos, sem considerar seu contexto e a situação comunicativa. A definição tradicional das orações causais se fundamenta na relação lógica de causa-efeito, e a das orações condicionais, numa relação hipotética de condição-efeito.

Considerando que as relações de causa e de condição podem ser expressas por uma mesma locução conjuntiva (“*dado que*”, “*desde que*” e “*uma vez que*”), a distinção entre uma interpretação e outra não é resultado apenas de fatores sintáticos, mas também de fatores de natureza semântica e pragmática.

O objetivo geral deste trabalho é descrever os usos causais e condicionais das orações adverbiais introduzidas por “*dado que*”, “*desde que*” e “*uma vez que*” a partir de ocorrências reais da língua, a fim de identificar as regularidades e as diferenças das relações expressas por essas locuções. Com base nas ocorrências fornecidas por textos escritos, obtidas no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), examinam-se a posição da oração adverbial em relação à oração-núcleo e as correlações modo-temporais. Este artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, apresenta-se

a introdução; na segunda seção, discutem-se os pressupostos teóricos; na terceira seção, evidenciam-se os resultados; e, por fim, na quarta seção, expõem-se as conclusões.

O funcionalismo de Hengeveld e Mackenzie (2008)

A Gramática Funcional propõe examinar como o usuário de uma língua natural organiza e constrói uma expressão linguística para se comunicar eficientemente. A partir dos pressupostos teóricos do funcionalismo de Hengeveld e Mackenzie (2008) cuja teoria (Gramática Discursivo-Funcional) possibilita examinar, separadamente, os aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos em níveis, este trabalho propõe uma descrição das orações adverbiais introduzidas pelas locuções conjuntivas “dado que”, “desde que” e “uma vez que” em seus usos causais e condicionais.

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) é um modelo teórico, que procura descrever, separadamente, os fenômenos linguísticos por meio de suas relações funcionais em quatro níveis de organização linguística. Essa teoria se baseia na premissa de que toda organização sintática parte da pragmática, do uso. Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem um modelo de análise que se inicia a partir da intenção comunicativa do falante (do componente conceitual) até a expressão da forma linguística.

A GDF constitui o Componente Gramatical que se liga a um Componente Conceitual, a um Componente Contextual e a um Componente de Saída. O Componente Conceitual é responsável pelas representações conceituais pré-linguísticas e pela representação da intenção comunicativa convertida em expressões linguísticas. Esse componente é a força motriz que sustenta o Componente Gramatical. O Componente Contextual é responsável pelo domínio discursivo a partir do qual se produzem novas expressões linguísticas no Componente Gramatical. O Componente de Saída, por sua vez, converte as representações semânticas e pragmáticas em sua forma final – acústica ou gráfica.

Esses três componentes não gramaticais interagem com o Componente Gramatical, sobretudo por meio das operações de formulação (função) e de codificação (forma) cujas regras são fenômenos específicos de cada língua. As regras de formulação convertem as representações cognitivas em representações subjacentes de natureza pragmática e semântica (Níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente). As regras de codificação convertem as representações semânticas e pragmáticas em representações morfosintáticas e fonológicas (Níveis Morfosintático e Fonológico, respectivamente).

De modo a representar o processo cognitivo pelo qual uma intenção comunicativa é formulada e codificada, esses autores propõem uma organização de análise descendente (*top-down*), cuja unidade básica analisável é o Ato Discursivo (A)¹, definido como a menor unidade do comportamento comunicativo. Daí a GDF ser considerada um modelo de descrição gramatical, e não uma gramática do discurso. Pautados nos estudos de Levelt (1989), Hengeveld e Mackenzie (2008) assumem que o processo cognitivo da interação verbal se realiza de modo descendente, conforme esta ordem: (i) o falante identifica seu propósito comunicativo (informações pragmáticas e contextuais); (ii) seleciona a informação

¹ Os símbolos utilizados pela GDF serão mencionados neste trabalho conforme sua taxonomia. Isso se fará, no entanto, apenas por caráter ilustrativo, uma vez que as formalizações representadas por meio desses símbolos não serão utilizadas nesta pesquisa.

mais relevante de modo que seu propósito seja satisfeito; (iii) codifica as informações em termos gramaticais e fonológicos; e, por fim, (iv) realiza a articulação das expressões linguísticas.

Os níveis de organização linguística

Quatro níveis de organização linguística integram o Componente Gramatical e descrevem a língua em termos de suas funções, na medida em que essas funções são codificadas. Cada um dos níveis apresenta sua própria organização em camadas hierárquicas. As camadas apresentam sua própria variável, são restringidas por um núcleo e por modificadores (estratégias lexicais, σ) e podem ser especificadas por meio de operadores e de funções (estratégias gramaticais, π). A seguir, discutem-se, brevemente, os níveis pertinentes para a análise.

Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal (pragmático) trata dos aspectos formais que refletem o papel das expressões linguísticas na interação entre falante e ouvinte. Esse nível capta as informações de natureza retórica e pragmática constituintes do discurso, manifestadas por meio das expressões linguísticas.

Para esses autores, o falante possui, até certo modo, consciência para selecionar a melhor estratégia comunicativa para que seus objetivos sejam atingidos. Esse nível abrange as informações discursivas, mas somente as que são relevantes para a manifestação linguística.

No Nível Interpessoal, estão previstas as seguintes camadas hierárquicas, organizadas de modo descendente: *Move* > Ato Discursivo > Conteúdo Comunicado > Subato.

Nível Representacional

O Nível Representacional (semântico) diz respeito aos aspectos de natureza semântica das expressões linguísticas, as quais estabelecem uma relação com o mundo descrita por essas expressões. Esse nível se refere às categorias de designação (animado/inanimado), funções semânticas (Ator, Paciente, Lugar), oposições de número (singular, plural, dual) e dos advérbios modificadores do conteúdo proposicional (“obviamente”, por exemplo).

Sendo o Nível Representacional responsável pela designação (denotação), Hengeveld e Mackenzie (2008) incluíram as categorias Episódio, Tempo e Lugar às categorias Indivíduo, Estado de Coisas e ao Conteúdo Proposicional propostas por Lyons (1987 [1977]², apud HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Nesse nível, estão previstas as seguintes camadas hierárquicas, organizadas de modo descendente: Conteúdo Proposicional > Episódio > Estado de coisas.

Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático se refere às propriedades lineares das expressões linguísticas desde a estrutura de sentenças, orações e sintagmas até a estrutura interna das palavras.

² LYONS, John. Semantics. In: MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. (Org.) *Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization*. Technical Report ISI/RS, 1987. p. 87-190. [Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. II].

Nesse nível, as informações semânticas e pragmáticas representadas nos níveis ascendentes são codificadas numa representação estrutural, em que as relações de escopo se refletem na organização linear das Expressões Linguísticas.

A unidade linguística é examinada a partir de sua configuração sintática. Constituem, portanto, o Nível Morfossintático, informações como as relações de tempos e modos verbais das orações; atribuição de funções sintáticas (Sujeito, Objeto); as relações de concordância verbal e nominal. Além desse conjunto de primitivos, operam também os operadores secundários, os morfemas (Xs) e os afixos (Aff).

Nesse nível, estão previstas as seguintes camadas hierárquicas, organizadas de modo descendente: Expressão Linguística > Oração > Sintagma > Palavra.

A GDF prevê que o usuário de uma língua natural tem conhecimento de unidades formais e funcionais. Desse modo, procura examinar como o falante, motivado por seus objetivos comunicativos, organiza essas unidades, de modo que ele se comunique eficientemente.

O modelo teórico-metodológico proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008) possibilita, por meio das camadas e dos níveis, identificar como as escolhas funcionalmente motivadas no Nível Interpessoal codeterminam os níveis subsequentes – Representacional e Morfossintático nos usos causais e condicionais das locuções conjuntivas “dado que”, “desde que” e “uma vez que”. A interação desses três níveis permite constatar as regularidades das orações introduzidas por essas locuções conjuntivas, considerando a hipótese de que a distinção entre a leitura/interpretação causal e condicional é possível pela classificação em camadas específicas.

Abordagens funcionalistas das relações causais

A relação causal, no sentido estrito, relação entre predicacões (Estados de coisas), baseia-se na relação lógica de causa-efeito ou entre dois eventos e implica subsequência temporal do efeito em relação à causa (NEVES, 1999a, 2000).

Em relação à posição das orações causais, Neves (2000) assevera que a iconicidade também deve ser considerada em termos discursivos:

[...] na maior parte dos casos, primeiro se assenta a informação compartilhada (seja ela um *efeito* ou uma *causa*), e depois se traz a informação nova (seja ela uma *causa* ou um *efeito*), embora a língua tenha mecanismos para marcar diferentemente algumas construções. (NEVES, 2000, p. 815)

Para Neves (1999a, 2000), a maioria das orações causais reflete a ordem não icônica, uma vez que se enuncia primeiro a consequência, depois a causa. Segundo a autora, embora a motivação icônica seja causa-efeito/consequência, pode-se dizer que a ordem inversa reflete a iconicidade no sentido de que, a partir do efeito, deduz-se a causa.

No que diz respeito às configurações de tempo e modo verbais nessas relações, a autora afirma que as orações causais são expressas, geralmente, pelo modo indicativo, por constituírem uma proposição com forte grau de certeza.

Segundo pressupostos funcionalistas, questões estruturais como a ordem frasal e as correlações modo-temporais estão relacionadas às estratégias discursivas do falante, por

isso “uma interpretação correta das construções causais depende de uma escolha pragmaticamente motivada para a consideração do que essas construções representam” (NEVES, 1999a, p. 494).

Nesse sentido, de acordo com Sweetser (1990), as conjunções podem veicular diferentes leituras/interpretações, dependendo do contexto em que estão inscritas. Considerando que as relações causais ocorrem entre dois Estados de coisas (SPÓSITO, 2011), adota-se que a leitura das orações causais se faz no domínio de conteúdo, visto que seu enunciado descreve a causa de um evento no mundo real.

Abordagens funcionalistas das relações condicionais

De maneira genérica, a definição da relação condicional (relação entre proposições), no sentido estrito, baseia-se em critérios lógico-semânticos de condição-consequência/resultado, representada por “*se p, (então) q*” (“*p* verdadeiro e *q* verdadeiro”) (NEVES, 1999b, 2000).

Sob o ponto de vista da ordem dominante da oração condicional em relação à oração-núcleo, é consenso assumir que a ordem não marcada é a anteposta (GREENBERG, 1963; COMRIE, 1986; HIRATA, 1999; HIRATA-VALE, 2005; NEVES, 1999b, 2000; entre outros). A oração condicional anteposta funciona como uma moldura de referência para a oração-núcleo, por isso, Neves (1999b, 2000) diz que a condicional apresenta caráter de tópico discursivo. Sob o ponto de vista da organização da informação contida nas orações condicionais, geralmente, as informações são partilhadas entre falante e ouvinte, o que justifica o fato de a anteposição ser a ordem universal (NEVES, 1999b, 2000).

No uso real da língua, a relação entre as proposições das orações condicionais vai além da relação lógica “*se p, (então) q*”. Partindo do pressuposto de que o conteúdo veiculado nas orações condicionais passa, inevitavelmente, pelo julgamento do falante, assume-se que a atitude proposicional é inerente às orações condicionais. Diante disso, seguindo a proposta de Sweetser (1990), compreende-se que as condicionais são lidas no domínio epistêmico, uma vez que a validade do conteúdo proposicional veiculado pela oração-núcleo depende da validade da proposição expressa pela oração condicional.

Metodologia

O *corpus* se compõe de textos formais escritos, do século XX, obtidos no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006). Coletadas todas as ocorrências, fez-se uma segunda leitura para distinguir as ocorrências causais das condicionais. Para tanto, considerou-se o modo verbal da oração adverbial, visto que, por sua própria definição, o modo indicativo veicula algo dado como certo, o que estaria em consonância com a interpretação causal das locuções sob análise, enquanto o modo subjuntivo, uma incerteza, que seria veiculada pelas locuções com sentido condicional. Após essa etapa, realizou-se o exame descritivo das orações causais e condicionais introduzidas por “dado que”, “desde que” e “uma vez que”, apresentando-se, em tabelas, as semelhanças e as diferenças dessas relações, segundo critérios formais e semântico-pragmáticos.

Apresentação e análise dos dados

Pautada nos pressupostos teórico-metodológicos abordados neste trabalho e no *corpus* utilizado, na tabela abaixo, apresentam-se os resultados da análise, a qual se baseou em 1092 ocorrências:

Tabela 1: Número de ocorrências das locuções conjuntivas

<i>Dado que</i>	<i>Desde que</i>	<i>Uma vez que</i>	Total
33 3,0%	301 28,0%	758 69,0%	1092

Conforme mencionado na seção anterior, considerou-se o modo verbal da oração adverbial como critério para a classificação das locuções conjuntivas causais/condicionais. Hengeveld (1989) e Hengeveld e Mackenzie (2008) compreendem o modo verbal como um critério semântico que diz respeito ao estatuto de realidade/irrealidade. Em Hengeveld (1989), o autor assevera que, quando o falante se compromete com o conteúdo veiculado na oração adverbial, ele opta pelo modo indicativo, mas quando o falante não quer comprometer-se com o enunciado expresso na oração adverbial, opta pelo subjuntivo.

Das 1092 ocorrências, 782 são causais, e 310, condicionais, conforme apresentado nesta tabela:

Tabela 2: Ocorrências causais e condicionais

Oração adverbial	<i>Dado que</i>	<i>Desde que</i>	<i>Uma vez que</i>	Total
Causal	28 3,6%	02 0,3%	752 96,1%	782
Condicional	05 1,6%	299 96,5%	06 1,9%	310
Total	33	301	758	1092

Tendo em vista o total de ocorrências examinadas, na próxima tabela, evidenciam-se os dados em relação à ordem da oração adverbial conforme o tipo de leitura (causal/condicional). Adiante, esse critério será analisado, individualmente, para cada locução conjuntiva.

Tabela 3: A ordem das ocorrências causais e das condicionais

Oração adverbial	Anteposta	Medial	Posposta	Total
Causal	72 9,2%	07 0,9%	703 89,9%	782
Condicional	17 5,4%	05 1,6%	288 93,0%	310
Total	89	12	991	1092

No que diz respeito aos domínios de uso propostos por Sweetser (1990), averiguou-se que as locuções conjuntivas que veiculam causalidade são lidas no domínio de conteúdo, como ilustra (01):

- (01) Com duas cabines automatizadas, com capacidade para 30 passageiros cada, o Liberdade/Calçada é o mais novo dos três ascensores da prefeitura (os outros são o Elevador Lacerda e Plano Gonçalves). *A pane verificada ontem deveu-se justamente à falta de pessoal qualificado para operá-lo, uma vez que nos últimos dias, com a demissão em massa feita na Prefeitura de Salvador, os operadores contratados nos últimos oito anos, justamente os que eram considerados capacitados para esse tipo de trabalho, foram afastados, sendo substituídos por velhos funcionários que não conhecem ainda os mecanismos de funcionamento do ascensor.* (19N:BR:Baía)

Em (01), o fato (*os funcionários capacitados a operar o Liberdade/Calçada terem sido afastados, substituídos por velhos funcionários que não conhecem ainda os mecanismos de funcionamento do ascensor*) é responsável pela consequência (*ter ocorrido a pane*). Como se vê, o conteúdo da oração adverbial descreve a causa de um evento no mundo real, ratificando sua leitura no domínio de conteúdo.

No que diz respeito às locuções conjuntivas que expressam condicionalidade, a análise indica que sua leitura se faz no domínio epistêmico, conforme a classificação da autora:

- (02) [...] *A segunda lei de Lamarck afirma que as adaptações sofridas pelos seres de uma espécie por influência do meio ambiente são transmitidas e conservadas de geração para geração, desde que as adaptações ocorram em seres de ambos os sexos na espécie.* (19Ac:Br:Enc)

Em (02), o conteúdo proposicional (*as adaptações ocorrerem em seres de ambos os sexos na espécie*) descreve a condição única e necessária para a realização do conteúdo expresso na oração nuclear (*as adaptações sofridas pelos seres de uma espécie por influência do meio ambiente serem transmitidas e conservadas de geração para geração*). Verifica-se que as proposições são mutuamente implicativas, isto é, as duas proposições ou são ambas verdadeiras ou ambas falsas. Nesse sentido, a validade do conteúdo proposicional veiculado pela oração-núcleo depende da validade da proposição expressa pela oração condicional, corroborando sua leitura no domínio epistêmico.

Nas próximas subseções, apresentam-se as regularidades das orações adverbiais causais e condicionais introduzidas por “*dado que*”, “*desde que*” e “*uma vez que*” conforme estes critérios: (i) posição da oração adverbial em relação à oração nuclear; e (ii) correlações modo-temporais da oração-núcleo e da oração adverbial.

“*Dado que*” causal x condicional

No *corpus*, verificou-se que a locução conjuntiva “*dado que*” se revelou pouco produtiva no uso da língua. No total, coletaram-se 28 ocorrências com interpretação causal, e cinco com valor condicional.

No que diz respeito à ordem, os dados se distribuem conforme apresentado na tabela a seguir:

Tabela 4: A ordem das orações causais e das condicionais

Oração adverbial	Anteposta	Posposta	Total
Causal	03 11,0%	25 89,0%	28
Condicional	03 60,0%	02 40,0%	05
Total	06	27	33

As orações causais iniciadas com “dado que” são predominantemente pospostas, em 89,0% das ocorrências, como em (03):

- (03) Ainda como ilustração do fenômeno, consideremos as frases: (d) Paulo usou o macaco do seu carro ontem. (e) O macaco engordou 2 Kg. Se fizermos a relativização das sentenças teremos a seguinte frase: (f) Paulo usou o macaco do seu carro ontem que engordou 2 Kg. *Neste caso, estamos diante de uma frase mal formada semanticamente no português, e o encaixamento das sentenças não possibilita resolver o caso da ambiguidade existente entre o uso concreto e o uso abstrato da palavra macaco, **dado que** temos uma única forma com dois significados diferentes (instrumento mecânico e animal).* (19Ac:Br:Lac:Thes)

A análise das ocorrências indica que os empregos da locução conjuntiva “dado que” com valor causal também confirmam a posposição como a ordem não marcada das orações causais (NEVES, 1999a, 2000; SPÓSITO, 2011). Verificou-se que, em 25 ocorrências (89,0%), o falante enuncia primeiro o efeito, depois a causa. De acordo com Neves (1999a, 2000), embora a ordem icônica das relações causais seja causa-efeito/consequência, pode-se dizer que a ordem inversa (efeito-causa) reflete a iconicidade no sentido de que, a partir do efeito, deduz-se a causa. Em acordo com Neves (2001), a análise demonstrou que, nos empregos de “dado que” com sentido causal, a telicidade do verbo, que constitui a base dessa locução, mantém-se preservada. Essa telicidade, no entanto, desfaz-se com o uso do modo subjuntivo.

Nas ocorrências de “dado que” com leitura condicional, verificou-se que, nas cinco ocorrências analisadas, a ordem dominante da oração condicional é a anteposta (60,0%), que representa a ordem não marcada das condicionais expressas, sobretudo pela conjunção prototípica “se” (COMRIE, 1986; HIRATA, 1999; NEVES, 1999b, 2000). A anteposição é ilustrada pela ocorrência (04):

- (04) Delfino se lembrava de ir saltando sobre dormentes no leito da via férrea quando menino e de imaginar que se pudesse de repente saltar uma porção de dormentes e postar-se lá adiante, voltado para onde viera, havia de ver-se andando de dormente em dormente. Depois tinha tido vontade, nos momentos difíceis da vida, de fazer isto com o tempo. ***Dado que** os dormentes fossem dias e que os dias imediatos fossem os dormentes em sucessão no leito da via férrea, por que não saltar por cima dos dias desagradáveis e olhar-se a si mesmo lá da frente, olhar-se como se fosse outra pessoa, ou mesmo, corajosamente, como se fosse ele mesmo, mas em dias já idos e vividos ou em dormentes já pisados e passados?* (19:Fic:Br:Callado:Madona)

De acordo com Neves (1999b, 2000) e Hirata (1998), as orações condicionais antepostas são tópicos discursivos e servem como moldura de referência, que orientam o ouvinte para o que será enunciado na oração nuclear.

A respeito das relações entre os tempos e os modos verbais nas relações causais e nas condicionais, constatou-se esta predominância:

Tabela 5: Correlações mais frequentes de tempos e modos verbais na oração-núcleo e na oração adverbial

Tipo de relação	Oração-núcleo	Oração adverbial
Causal	Presente Indicativo 64,0%	Presente Indicativo 72,0%
Condicional	Presente Indicativo 40,0%	Pretérito Imperfeito Subjuntivo 80,0%

Por meio da tabela acima, certificou-se que, nas orações causais, o tempo-modo mais frequente é o presente do indicativo tanto na oração nuclear (64,0%) como na causal (72,0%), evidenciando a factualidade/realidade descrita por Estados de coisas:

- (05) O poliestireno é um polímero comum. A unidade repetitiva tem a mesma composição (C₈H₈) como o monômero de baixa massa molar, o estireno, de onde o poliestireno é sintetizado. O número de unidades repetitivas é indicado pelo índice n. No caso de graus comerciais do poliestireno, o valor médio de n pode ser 1000 ou mais. **Dado que a massa molar da unidade repetitiva do poliestireno é 104, o valor de 1000 para n representa uma média de massa molar de 104000.** (19Ac:Br:Lac:Thes)

Em (05), o Estado de coisas causal (*a massa molar da unidade repetitiva do poliestireno ser 104*) justifica a ocorrência do Estado de coisas nuclear (*o valor de 1000 para n representar uma média de massa molar de 104000*).

Em relação às correlações modo-temporais encontradas nas orações condicionais iniciadas com *dado que*, o tempo-modo mais frequente na oração-núcleo é o presente do indicativo (40,0%), e na oração condicional, o pretérito imperfeito do subjuntivo (80,0%), que se utiliza para veicular conteúdos inexistentes ou pouco prováveis, conforme demonstra (06):

- (06) [...] *Escolhido este caminho não se cogitou de o transformar em linha de operações, pela escolha de dois ou três pontos defensáveis, garantidos de guarnições que, mesmo diminutas, pudessem estear a resistência, **dado que houvesse um insucesso, um recuo ou uma retirada.*** Crítica Ninguém cogitava na mais passageira hipótese de um revés. [...] Sabia-se, no entanto, que esta atravessaria longos trechos de caatingas exigindo aberturas de picadas, e extenso areal de quarenta quilômetros onde, naquela quadra, na plenitude do estio, não se compreendia a viagem sem que os combatentes fossem arcando. (19:Fic:Br:Cunha:Sertoes)

Em (06), a informação (*dado que houvesse um insucesso, um recuo ou uma retirada*) expressa um conteúdo possível que, talvez, poderia ter-se realizado. Então, para

estejar a resistência desses viajantes, eles se precaveram de guarnições, pois sabiam que enfrentariam situações difíceis, que a rota “*atravessaria longos trechos de caatingas exigindo aberturas de picadas, e extenso areal de quarenta quilômetros [...]*”.

“Desde que” causal x condicional

A locução conjuntiva “desde que” se revelou a mais produtiva em empregos com valor condicional, visto que das 301 ocorrências do *corpus*, 299 são condicionais, indicando uma forte tendência de essa locução especializar-se em usos com sentido condicional, uma vez que apenas duas ocorrências apresentam interpretação causal.

Em relação à ordem da oração adverbial, identificaram-se as seguintes frequências:

Tabela 6: A ordem das orações causais e das condicionais

Oração adverbial	Anteposta	Medial	Posposta	Total
Causal	01 50,0%	Ø	01 50,0%	02
Condicional	12 4,0%	05 1,7%	282 94,3%	299
Total	13	05	283	301

Quanto à posição das orações causais introduzidas por “desde que”, não há ordem dominante, uma vez que, das duas ocorrências examinadas, uma é anteposta, e a outra, posposta:

- (07) A estrutura principal que o problema de análise envolve é a sequência de palavras que deve ser analisada. Para isso, isolam-se subsequências dessa estrutura como sendo os vários termos aceitos pela gramática, e ao final da análise, mostra-se que a sentença inteira é aceita como um termo do tipo “sentença”. **Desde que o modo padrão de se representar uma sequência é em forma de lista, a entrada para o analisador será representada como uma lista do Prolog.** Deste modo, cada palavra será representada como átomos do Prolog. (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (08) A resposta da ferramenta para essa ação é Communicative Goal was inserted e aparece no rodapé da janela Amadeus Editor: Sentences_Base, indicando o sucesso da operação. *Esse mesmo padrão também poderia estar associado à função de comparação desde que possui elementos sintáticos deste padrão.* (19Ac:Br:Lac:Thes)

Em (07), o falante enuncia primeiro a causa, depois o efeito/consequência. Em (08), a oração causal segue a ordem contrária de efeito/consequência-causa. Apesar disso, em ambos os casos, a informação contida na oração adverbial é consensual, compartilhada entre falante e ouvinte.

A respeito das orações condicionais, confirmou-se a posposição em 94,3% das ocorrências, como se vê em (09). A ocorrência (10) demonstra a posição medial:

- (09) Segundo organizadores do Aberto, o número de participantes será limitado a 100, sendo que *os 10 primeiros colocados do ranking paranaense masculino, 5 primeiras colocadas do feminino, 3 primeiros do juvenil masculino e 3 primeiras do juvenil*

feminino terão suas vagas garantidas, desde que efetivem suas inscrições dentro do prazo limite: 15 de novembro. (19N:Br:Cur)

Em (09), o conteúdo veiculado na oração-núcleo é tido como certo, caso a condição enunciada seja eventualmente satisfeita. Nessas orações, a (não) realização da condição única (*efetivar a inscrição dentro do prazo limite*) implica, necessariamente, a (não) realização do conteúdo expresso na oração nuclear (*os participantes terem suas vagas garantidas*). Quando a oração condicional segue a nuclear, o falante faz uma ressalva, isto é, enuncia os eventos, mas a dúvida quanto ao preenchimento imposto pela condição é maior, ou seja, muito menos provável de realizar-se (NEVES, 1999b, 2000; HIRATA-VALE, 2005).

Segundo Neves (1999b, 2000), as orações condicionais iniciadas com “desde que” expressam uma condição necessária e suficiente (= *somente se*) e são, geralmente, postostas, conforme ilustra (09a):

(09a) [...] (os participantes) *terão suas vagas garantidas, somente se “efetivarem” suas inscrições dentro do prazo limite: 15 de novembro.*

(10) Art. 622. Se a execução da obra for confiada a terceiros, *a responsabilidade do autor do projeto respectivo, desde que não assuma a direção ou fiscalização daquela, ficará limitada aos danos resultantes de defeitos previstos no Art. 618 e seu Parágrafo único.* (19Ac:Br:Lac:Misc)

Em (10), o sujeito e o verbo da oração-núcleo se encontram separados pela oração condicional: “*a responsabilidade do autor do projeto respectivo desde que não assuma a direção ou fiscalização daquela, ficará limitada aos danos resultantes de defeitos previstos no Art. 618 e seu Parágrafo único*”. Nesse caso, diz-se que a posição da oração condicional é medial, em que o falante interrompe parte da oração principal e apresenta a condição como meio de ressaltar a restrição estabelecida pela oração adverbial da qual depende a realização da oração-núcleo. Segundo Neves (2000) e Hirata (1999), esse recurso exerce a função de adendo ou lembrete, que relativiza o conteúdo veiculado pela proposição nuclear.

No que concerne aos tempos e aos modos verbais nas relações causais e nas condicionais, constatou-se o predomínio das seguintes configurações:

Tabela 7: Correlações mais frequentes de tempos e modos verbais na oração-núcleo e na oração adverbial

Tipo de relação	Oração-núcleo	Oração adverbial
Causal	Futuro Presente Indicativo 50,0%	Presente Indicativo 100,0%
	Futuro Pretérito Indicativo 50,0%	
Condicional	Presente Indicativo 62,5%	Presente Subjuntivo 65,3%

A respeito das correlações modo-temporais presentes nas relações causais, visto que houve apenas duas ocorrências com “desde que”, averiguou-se que uma oração nuclear se configura com o futuro do presente, e a outra, com o futuro do pretérito do indicativo.

Nas duas orações causais do *corpus*, prevalece o presente do indicativo, como ilustraram as ocorrências (07) e (08).

As relações de tempo e modo verbais verificadas nas orações condicionais introduzidas por “desde que” indicam que as condicionais se configuram, preferencialmente, com o presente do indicativo (62,5%), e a oração-núcleo, com o presente do subjuntivo (65,3%). Assim como na pesquisa de Neves (2000), comprovou-se, nesta, que essa relação de tempo-modo é peculiar das orações introduzidas pelas locuções conjuntivas formadas pelo elemento final “que”, impossível de realizar-se com a conjunção “se”, como se vê em (11a):

(11) Segundo o chefe da fiscalização da Receita, Paulo Roberto Cugini, pelo menos 30% dos veículos vendidos estavam sem notas fiscais. Somente 2 das cerca de 50 lojas foram fiscalizadas: Tony Veículos e rede Cordeiro Veículos. *O dono da Tony Veículos, Antonio Maia, disse que não é contra a ação dos fiscais desde que a operação seja feita em todas as lojas de o ramo.* (19N:Br:Folha)

(11a) * [...] *O dono da Tony Veículos, Antonio Maia, disse que não é contra a ação dos fiscais se a operação seja feita em todas as lojas de o ramo.*

O modo subjuntivo reflete o descomprometimento do falante em relação ao conteúdo veiculado pela oração condicional cuja informação não é afirmada nem percebida, mas deixada em aberto. Isso configura a não factualidade ou não verdade das relações hipotéticas.

“Uma vez que” causal x condicional

A locução conjuntiva “uma vez que” foi a que apresentou o maior número de ocorrências (758) dentre as três pesquisadas neste trabalho. Desse total, 752 são causais, e seis, condicionais. Isso reflete sua especialização em empregos com valor causal.

Em relação à ordem da oração adverbial introduzida por “uma vez que”, constataram-se estes dados:

Tabela 8: A ordem das orações causais e das condicionais

Oração adverbial	Anteposta	Medial	Posposta	Total
Causal	68 9,0%	07 1,0%	677 90,0%	752
Condicional	02 33,0%	Ø	04 67,0%	06
Total	70	07	681	758

Os dados indicam a posposição como ordem dominante em 90,0% dos casos de “uma vez que” causal. Neves (1999a, 2000) esclarece que a anteposição é favorecida nos casos em que se apresenta primeiro a informação “dada” e, em seguida, a informação nova. No entanto, a análise dos dados contraria essa tendência, posto que o conteúdo de todas as orações iniciadas por “uma vez que” é verificado, e 90,0% das orações causais são pospostas. A ocorrência (12) ilustra essa preferência, e a (13), a posição medial:

- (12) [...] O Imperador (Justiniano, o Grande) era conhecido por patrocinar a atividade, além de sua força política e militar. A influência clássica era bastante nítida nos trabalhos do período. *Entretanto, trata-se de uma época de difícil estudo **uma vez que poucas obras sobreviveram.*** (19Ac:Br:Enc)

O exemplo (12) pode ser qualificado pela expressão de realidade *de fato*, visto que o Estado de coisas da oração principal (*tratar-se de uma época de difícil estudo*) é causado pelo Estado de coisas da oração adverbial (*poucas obras terem sobrevivido*), que relata um evento ocorrido no mundo real:

- (12a) [...] *Entretanto, trata-se de uma época de difícil estudo **uma vez que** [de fato], poucas obras sobreviveram.*

- (13) O DNA resultante é inserido no próprio material genético da célula infectada. O vírus em si não possui seus próprios meios de se reproduzir, e é justamente através de sua ação sobre as células que sua reprodução é realizada. *O DNA introduzido, **uma vez que se torna parte do DNA celular, fornece instruções à célula para a produção de vírus HIV sob a forma de proteína.*** (19Ac:Br:Enc)

A oração causal de (13) se encontra em posição medial, isto é, ela fragmenta o conteúdo veiculado na oração-núcleo, separando seu sujeito (*o DNA*) de seu verbo/predicado (*fornece instruções à célula*). Como indica a tabela acima, esse tipo de ocorrência foi bastante raro (1,0%). Pode-se dizer que isso se deve ao fato de que essa maneira como o conteúdo é emitido pelo falante dificulta a compreensão do ouvinte, pois o processamento cognitivo por parte dos interlocutores é mais complexo.

Na interpretação condicional, em 67,0% dos casos, a oração condicional segue a oração principal, exercendo a função de ressalva, conforme esclarecido anteriormente.

A respeito das correlações modo-temporais nas relações causais e nas condicionais, as mais frequentes são:

Tabela 9: Correlações mais frequentes de tempos e modos verbais na oração-núcleo e na oração adverbial

Tipo de relação	Oração-núcleo	Oração adverbial
Causal	Presente Indicativo 70,3%	Presente Indicativo 68,5%
Condicional	Presente Indicativo 67,0%	Presente Subjuntivo 83,5%

Quanto às configurações de tempo e modo verbais nas relações causais, o tempo-modo mais frequente é o presente do indicativo na oração nuclear (70,3%) e na oração causal (68,5%). Assim como Neves (2001), comprovou-se que a locução conjuntiva *uma vez que* com sentido causal se liga a um ponto no passado, conforme evidencia (14):

- (14) *O crime de FURTO é **considerado** crime contra o patrimônio, pois fere o mesmo, **uma vez que ele é o objeto do crime.*** Há que se observar, todavia, que no crime de FURTO, apesar da subtração do bem, não há violência contra a pessoa detentora ou possuidora do mesmo, ou pelo menos indiretamente. (19Ac:Br:Enc)

A oração causal de (14) (*ele [o patrimônio] ser o objeto do crime*) descreve a causa real que desencadeia a consequência descrita na oração-núcleo (*o crime de furto ser considerado crime contra o patrimônio*).

Nos casos de orações condicionais com “uma vez que”, o tempo-modo mais frequente na oração-núcleo é o presente do indicativo (67,0%); na oração condicional, o presente do subjuntivo (83,5%). Ao contrário do que se constatou nos empregos com valor causal, a ligação a um ponto no passado da locução conjuntiva “uma vez que” se desfaz por meio do modo subjuntivo, como demonstra (15):

- (15) Em todas as 75 árvores analisadas, verificou-se desrespeito à recomendação de nomear cada fato com frase construída com a estrutura sujeito-verbo-complemento (S-V-C), se necessário. *O prejuízo advindo dessa prática **pode ser** de importância menor, **uma vez que** a denominação escolhida **permite** identificação precisa do fator e de sua participação na árvore, o que, infelizmente, não foi o que ocorreu nas árvores elaboradas nas empresas estudadas.* (19Ac:Br:Lac:Thes)

O *corpus* revelou que todas as orações condicionais iniciadas com “uma vez que” são, geralmente, expressas com referência de tempo futuro, em consonância com a potencialidade de realizar-se, de a condição ser satisfeita a partir do momento em que o falante enuncia sua condição.

Corroborando o posicionamento de Neves (1999b, 2000) e o de Oliveira (2008), as orações condicionais iniciadas com “dado que”, “desde que” e “uma vez que” restringem o significado da oração nuclear cujo valor de verdade da oração condicional determina o valor de verdade daquela. A oração nuclear, por sua vez, expressa a consequência do preenchimento ou não da condição única, que é estabelecida na situação comunicativa. Essa restrição se justifica pelo fato de essas locuções conjuntivas serem lexicais, constituídas de sentido.

Considerações finais

Neste trabalho, propôs-se investigar e descrever as orações causais e as condicionais introduzidas pelas locuções conjuntivas “dado que”, “desde que” e “uma vez que” no português contemporâneo do Brasil.

No que diz respeito aos parâmetros pragmáticos, especificamente aos domínios propostos por Sweetser (1990), os dados revelaram que as orações causais representam modificadores predicacionais, com leitura no domínio de conteúdo, visto que elas descrevem causas de eventos no mundo real. As orações condicionais são modificadores proposicionais, com leitura no domínio epistêmico, posto que o julgamento do falante é inerente ao conteúdo condicional. Constatou-se, ainda, que os empregos com sentido causal e condicional dessas locuções se diferenciam no Nível Representacional, especificamente nas camadas do Estado de coisas (relações causais) e na do Conteúdo Proposicional (relações condicionais), segundo a proposta da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Considerou-se como critério semântico, que diz respeito ao estatuto de realidade/irrealidade, o modo verbal. Verificou-se que o modo indicativo caracteriza os empregos com valor causal, e o subjuntivo, os usos com valor condicional.

Quanto à posição das orações adverbiais, a posposição prevalece, significativamente, tanto nas relações causais como nas condicionais. Uma vez que as orações introduzidas pelas locuções conjuntivas em estudo exercem a função sintática de advérbio, elas apresentam mobilidade em relação à ordem, que reflete as funções discursivas. Assume-se, portanto, que a ordem é motivada pela pragmática.

Averiguou-se também que, embora essas locuções conjuntivas sejam tradicionalmente classificadas tanto como causais como condicionais, há uma forte tendência de “dado que” e de “uma vez que” se especializarem em usos causais; a locução “desde que” tem se especializado em empregos com valor condicional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 1963. p. 300-455.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 462-513.

COMRIE, B. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, E. C. et al. (Ed.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 77-99.

CUNHA, C.; CINTRA L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008. p. 593-622.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Washington, DC: United States National Endowment for the Humanities, 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: jul. 2011-maio 2012.

GREENBERG, J. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: _____. *University of Language*. Cambridge: MIT Press, 1963. p. 73-113.

HENGEVELD, K. Layers and operators in Functional Grammar. *Journal of Linguistics*, v. 25, n. 01, p. 125-157, 1989.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HIRATA, F. B. M. *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*. 231 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

HIRATA-VALE, F. B. M. *A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático*. 160 f. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

LEVELT, W. J. M. *Speaking*. Cambridge MA: MIT Press, 1989.

LIMA, C. E. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. p. 184-284.

NEVES, M. H. M. As construções causais. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Novos estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999a. v. VII, p. 461-496.

_____. As construções condicionais. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Novos estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999b. v. VII, p. 497-544.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 787-929.

_____. A gramaticalização e a organização dos enunciados. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 13-22, 2001.

OLIVEIRA, T. P. *As conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. Tese. 157 f. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

SACCONI, L. A. *Nossa gramática*. Teoria e prática. 28. ed. São Paulo: Harbra, 2004. p. 310-387.

SPÓSITO, C. C. A construção adverbial de causa razão, explicação e motivação nas variedades lusófonas: uma abordagem discursivo-funcional. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7., Curitiba. *Anais*. Curitiba: Abralin, 2011. p. 742-749.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.